

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

PREÇO DA ASSIGNATURA		PUBLICA-SE	PREÇO DA ASSIGNATURA		N.º 937
7.º ANNO	Braga, 12 mezes. 1\$600 » 6 » 850 Correspondencias partic. cada linha 40 Anuncios cada linha. 20 Repetição 10		AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.	Provincias, 12 mezes. 2\$000 » 6 » 1\$050 » sendo duas assignaturas 3\$600 Brazil, 12 mezes, moeda forte. . 3\$600 Folha avulso 10	

BRAGA

TERÇA-FEIRA 20 DE MAIO DE 1879

• veneno em tudo.

II

Será verdade, que a doutrina catholica leva ao socialismo, como pretende o articulista do «Agricultor»?

E' o que nos convém examinar; mas antes d'isso permitam-se-nos algumas reflexões que vem ao caso.

Se é certo, que no paganismo a sociedade absorvia completamente o individuo, a primeira pergunta que occorre, é, quem o restituiu á sua esphera d'acção? Quem lhe reconquistou essa independência que lhe é propria, essa consideração e respeito, que o vemos gozando no seio da sociedade moderna?

Cremos, que o articulista não disputará ao Christianismo este immenso beneficio, que a historia attribue unica e exclusivamente á religião christã, como uma de suas mais bellas glorias.

Sim, foi a sua doutrina, foi a sua moral, e só ella, que conseguiu gravar no coração do homem, com o sentimento dos proprios deveres, o sentimento, não menos justo, dos direitos que lhe pertencem.

Foi o Christianismo, e só elle, que obteve resgatal-o desse pesado despotismo que por todas as partes o apertava, para eleval-o a toda a altura da sua liberdade.

A influencia d'este desenvolvimento, dado á vida individual, por força que havia de manifestar-se em todos os ramos da actividade humana.

E a propriedade, que longe de ser,

como pretendia Montesquieu, *um dom das leis civis*, não é mais que o producto do trabalho, já garantida pelo decalogo, recebem d'esta fórma uma base mais solidada.

Convém não perder de vista, que a acção das leis com relação á propriedade, limita-se a pouco, pois não o consagram, mas unicamente a defendem, visto que ella precedeu a formação de todos os codigos, e é anterior a todo o direi o positivo.

O mesmo Christianismo não fez mais a tal respeito do que afirmar um direito já preexistente, resgatando-o do poder immenso que o opprimia; e, cobrindo-o com a égide de seus dogmas, collocou-o a salvo de novas e futuras absorpções.

Bem longe pois do socialismo, não parece, que o individuo mereceu á Igreja um cuidado especial?

Não se julgue porém, que por isso ella se precipitasse no extremo opposto, não.

O sentimento de independencia pessoal que innoculára no coração do homem, se devia harmonisar-se com a perfeição do individuo, não podia de fórma alguma hostilisar os principios constituidos de toda a sociedade.

E tal é a razão porque os verdadeiros christãos foram sempre os melhores e mais proveitosos subditos do Estado.

Como pois afirmar-se, que a doutrina christã conduz ao socialismo? porque *preconisa o desapego dos bens mundanos*? mas quem ignora, que tal desapego não importa um abandono systematico e absoluto?

Nunca a Igreja prohibiu aos fieis o uso que devem fazer de suas riquezas; antes pelo contrario lh'o prescreve, como um meio conducente ao seu fim ultimo.

Existe porém no coração humano,

oceano revolto de todas as paixões, uma tendencia, que, impellindo o fortemente para a terra, o desvia, com frequencia, de seus mais altos destinos.

Chamem-lhe ambição, egoismo, ou deem-lhe outro nome, que pouco diz ao caso; a verdade é que ella existe, e que importa refreal-a, para que a sociedade não chegue ao extremo das mais violentas commoções.

Tal é o fim que a Igreja se propõe conseguir no tempo com a sua doutrina sobre o desapego dos bens terrenos.

Condenmando todas as paixões que pôdem tornar o homem escravo da materia, não procura senão contel o n'esse temperado individualismo, que lhe garante a autonomia sem damno para a comunidade.

Será isto socialismo ou coisa que o pareça?

Não, que um direito não carece do abuso para legitimar-se.

Nem a Igreja podia tolerar esse abuso, ella que vinha combater o materialismo caracteristico da religião pagã, contra-pondo-lhe o espiritualismo peculiar da crença que inculcava

Jesus fundamentou no amor o seu reinado social, que depois confiou aos apóstolos, com a missão de o continuarem pela caridade!

Pensa o articulista, que a ambição e o egoismo seriam talvez um melhor preservativo contra o communismo?

Se tal imagina, é porque não sabe que os extremos se tocam.

Foi de certo para evitar no individualismo um excitante ao socialismo, que a Igreja lhes lançou de permeio a caridade christã.

E aqui tropeçamos nós com o que constitue a segunda difficuldade para o articulista.

«Aconselhar os que aspiravam á perfeição o despojarem-se da sua fortuna em proveito dos pobres, não nos parece que seja respeitar muito a propriedade individual.»

Não, e porque? porque ignora que um conselho não é um preceito?

Se a lei garante a propriedade, pôde acaso um mero conselho destrui-la?

O articulista não reparou, que o preceito da caridade, é de natureza tal, que de sua omissão apenas conhece um tribunal, onde se não ventilam direitos.

Se assim é pois com relação á lei, que diremos do conselho, que, visando á maior perfeição, deixa ao individuo toda a sua liberdade?

Não seria difficil mostrar, que a *pobreza voluntaria*, longe de ser um ataque á propriedade, lhe serve de defesa contra a desesperação dos que precisam; porque em fim os que não possuem, permanecem tranquilos todas as vezes que teem a certeza, de que a liberalidade dos ricos prove-rá ás suas necessidades.

Como porém talvez que ainda tenhamos a voltar ao assumpto, terminaremos por hoje com um pensamento de Guizot, quando affirmava, que a *victoria do socialismo significaria a morte da fé christã*.

Tal é o abysmo que os separa.

M. MARINHO.

A' redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 23 d'Abril, 1879.

Desde hontem batem os Ingleses aqui as palmas em razão de ter chegado a noticia de victoria consideravel na Africa Oriental contra os Zulus; tendo o Com-

16

FOLHETIM

O CAPITÃO ANGELO

ROMANCE ORIGINAL

POR

J. B. da Silva Ramos.

OFFERECIDO E DEDICADO A' EXC.^{ma} SNR.^a

D. Antonia Augusta T. de Vasconcellos.

DA CASA DE MARBON, EM CELORICO DE BASTO.

VII

Angelo deu um grito, recuou um passo, e Francisco entrou a chamar por seu amo na maior consternação. O official poude então dizer, abrindo os olhos:

—Não te afflijas... Pede antes por mim ao Senhor... porque estou proximo a ser julgado.

Então frei Domingos, aproximando-se do moribundo, entrou a ministrar-lhe as consolações que offerece a nossa santa religião, aos que morrem em graça e amizade com Deus.

Em seguida, fallou-lhe do sacrificio do Calvario, do amor de Jesus Christo para com os homens, e, por fim, da gloria eterna no seio de Deus.

A' maneira que frei Domingos fallava, o rosto de Fernando ia tomando a expressão d'uma paz ineffavel; mas quando lhe fallou da bemaventurança, os seus olhos brilharam como os d'um cherubim; no seu rosto divisou-se uma alegria celeste, e expirou no Senhor, com o sorriso dos Anjos.

Angelo apertou-o ternamente em seus braços, vertendo copioso e sentido pranto. Depois, ajoelhou e orou largo tempo.

Frei Domingos exclamou:

—Vae, alma feliz, vae gosar o premio dos justos, porque o eras!

Depois ajoelhou, e orou tambem.

Só Francisco não achava outro alivio, senão nas lagrimas.

Eram quatro horas e meia da manhã.

Passados os primeiros momentos de dôr mais intensa, Angelo declarou que era preciso dispor as cousas para o enterro; observando, que, em attenção á qualidade do defuncto, seria prudente metter o cadaver em caixão de chumbo, porque era muito provavel que a familia quizesse, de futuro, fazer a trasladação de suas cinzas.

Frei Domingos annuiu, e Francisco approvou, declarando que seu amo trazia dinheiro comsigo—e apresentou um cinto de couro, que, examinado, continha 50 peças em ouro, ou 375\$000 reis, que entregou a Angelo.

Este deu as providencias precisas, e no dia seguinte, foi o cadaver de Fernando levado, logo de madrugada, para a igreja de Santo Ildefonso, por Angelo e uns poucos de seus amigos, onde teve apenas uma missa e resposso de sepultura.

Francisco ficara escondido na casa, entregue á sua duplicada dôr, por haver perdido seu bom amo, e por se vêr encerrado e quasi prisioneiro, entre os inimigos do seu rei.

Angelo procurou-o á noute, e achando-o entregue a uma profundissima dôr, o consolou como poude, aconselhando-o a que, visto não estar reconhecido prisioneiro, tratasse de evadir-se da cidade.

—E como?—lhe perguntou Francisco.

—Como poderes e souberes. A minha honra não me obriga a denunciar-te, nem a minha lealdade permite dar-te escápula. Adeus.

E retirou-se.

Francisco ficou mais afflicto ainda do que es-

tava até alli; pois esperava que Angelo lhe indicasse a maneira de evadir-se da cidade para fora, e até o ajudasse n'esta perigosa empreza. Mas, vendo-se desamparado do sargento, e entregue á sua sorte, chamou a dona da casa, e, com sentidas lagrimas, lhe pediu o quizesse favorecer e ajudar na sua fuga.

A mulher, que era dotada de bom coração, prometteu-lhe fazer quanto estivesse ao seu alcance.

No seguinte dia, recommendou-lhe vestisse roupas de mulher, e ella mesmo o ajudou a disfarçar-se. Depois, appareceram duas mulheres, que de fora tinham trazido para dentro das linhas, carne de porco, gallinhas, e outros generos alimenticios, e que levavam para fora rapé e cigarros; estas deram certas instrucções ao rapaz que ainda era imberbe, e, carregando-o de cigarros, o levaram comsigo—com optimo exito, como mais adiante veremos.

Sigamos agora o nosso Angelo.

Pela sua bravura, era este escolhido para as emprezas mais arriscadas; afinal foi instado a passar á primeira linha, aonde, pelas raras qualidades militares e intelligencia que possuia, foi despachado alferes. No ataque de S. Thiago foi elevado a tenente e condecorado com a cruz da Torre e Espada.

João d'Oliveira zangou-se muito com a passagem do seu caixeiro para a primeira linha: intendia, e com razão, que assim se lhe escapara á vida commercial, e Oliveira, segundo penso, não estava resolvido a deixar-se representar por outra qualquer profissão.

Um dia passando Angelo pela, então Praça Nova, hoje de D. Pedro, viu entre os condemnados á calceta, bastantes homens vestidos de vermelho, e entre estes Francisco, o camarada do defuncto Fernando.

A' noite foi ter com elle á prisão, e lhe disse:

—Como vieste pela segunda vez parar aqui?

—Fui prisioneiro segunda vez no ataque de S. Thiago, e estou aqui fazendo penitencia

dos meus peccados; se é que não é crime pensar d'outra fórma, que estes senhores aqui me tem algemado como um ladrão; se é que não é crime ser fiel ás bandeiras que jurei. Dizem estes *meus amigos* que nos trazem a liberdade e lançam-me cadeias, em....

Angelo deu um profundo suspiro, e continuou:

—Entregaste a carta ao pae do nosso infeliz Fernando?

—Sim, senhor... Que pena vêr o fidalgo e fidalga chorarem como creanças!... E a snr.^a D. Natalia, esposa do snr. Fernando, que Deus haja... oh! meu senhor! essa parecia que enlouquecera... ficou inconsolavel, e os paes e mais parentes que se esforçavam por a consolar, não conseguiam mais que aggravar o seu estado. Eu parti logo para o exercito, porque não me concederam mais que quatro dias de licença, que consegui por me haver apresentado no exercito, depois de haver sido prisioneiro. O que lhe posso affiançar é que todos ficaram penhorados pelos serviços que prestou a meu defuncto amo, e desejosos de pessoalmente lhe agradecerem tanta generosidade.

—Não é d'essa boa familia que espero agradecimentos e recompensas, mas d'Aquelle que está no ceo; Pae misericordioso dos pobres e dos ricos, dos grandes e dos pequenos.

—Snr. tenente, se v. s.^a me arrancasse d'este martyrio!... Eu não posso viver aqui, porque, tanto soffro do corpo, como do espirito: arrasto estas cadeias, e obrigam-me a trabalhos improbos aqui e nas trincheiras, e o que é ainda peor, não ouço senão blasphemar de Deus e dos santos, obrigando-me a comer bacalhau desde o domingo até á sexta-feira, mas n'este dia, e no sabbado, dão-me carne! Digame se isto é toleravel?!

(Continua).

mandante Inglez. Lord Chelmsford, logo que recebeu reforços, avançado, e ganhado uma «grande victoria, com immensa mortandade dos Negros, etc».

Ninguém, já se sabe, podia duvidar, que a chegada de reforços consideráveis d'aqui enviados, munidos de todos os aperfeiçoamentos modernos em armamentos, organização, munições, artilharia, disciplina, e sciencia, os negros, ainda que corajosos e despresadores de vidas, e muito mais numerosos que seus inimigos, haviam de ter que succumbir a final.

Assim, em materia de facto, nada sorprende as noticias d'estas victorias, com que se contava como com ter amanhã de nascer o sol; e tem um tanto de ridiculo as basofias e congratulações exageradas que se lêem e se ouvem aqui, pela victoria sobre os selvagens negros; nem que fossem contra o exercito de Bonaparte, ou do Imperador de todas as Russias!

Os detalhes da victoria e vasta mortandade, infligida aos negros, que defendiam o seu paiz contra os invasores que lh'o vao tomar, nada interessam aos leitores do *Apostolo*, nem a mim; quem tenha appetite de velos, achará sem duvida folha Ingleza onde os possa ler, pois que todas as principaes os referem. O que porem a nós importa penosamente, é ver, como em tudo isto se descobre principalmente misturada a agencia Protestante das tribus de «missionarios», com suas «missionarias» e «missionarinhos», que sam, de ordinario os precursores, instigadores e guias d'estas invasões, e mortandades, e conquistas—ou usurpações.

Creio que já mencionei n'estas correspondencias, como o proprio chefe dos Zulus, *Cetewayo*, o denominam, percebe elle proprio perfeitamente esta tactica Ingleza; dizendo, a tal respeito:—«Os Inglezes mandam primeiro o *missionario*; e a traz d'elle vem o *Consul*. (ou agente politico); e pouco depois vem o soldado».

E' bem obvia a differença entre o missionario catholico e verdadeiro, que vai trabalhar, expor-se a fadigas, privações, perigos, sacrificios, sem outro interesse mais que de conquistar almas do barbaro e selvagem para o Christianismo e para a civilização; e o «missionario Protestante», que vai com sua mulher, seus filhos e familia, procurar um modo de vida, estabelecer-se, ajudado por associações, no fundo muito mais politicas do que religiosas.

Nas relações, noticias, correspondencias, documentos, que pullulam nas folhas Inglezas a respeito d'esta guerra e questão Africana, vem continuamente, aqui e acolá, as provas d'esta intervenção, ou intromettencia missionaria Protestante, nos negocios e projectos e aspirações Inglezas.

Mas não tenho encontrado um exemplo de intervenção d'estes *christianisadores-a seu modo*, para tratarem de impedir a mortandade immensa que vem a resultar das intervenções, guerras, e occupações forçadas do territorio de que sam despossosados os Africanos.

II—Parece-me vir aqui menos mal a proposito, alguma noticia de um assumpto que, não sei porque razao se tem sumido n'um esquecimento que tenho por premeditado em grande parte; e que merece, todavia de ser lembrado, em justiça, pelo menos, ás instrucções do Sr. D. Miguel I e do seu Governo.

Havendo tanto cousa que censurar, não nas intenções e sentimentos do mesmo Senhor, mas em seus actos dirigidos, nos dois ultimos terços de seu reinado especialmente, por influencias e conselhos os mais incapazes e ignorantes; convém não deixar no esquecimento outros actos que lhe fazem honra—e manifestam a verdade, de que o seu coração e vontade eram sempre rectos, honrados e patrióticos. O seu juizo porém, sua escolha e apreciação dos homens de quem se deixou rodear, e por quem se deixou conduzir, para o fim do seu breve reinado, muito deixaram a desejar. Por isto haverá tido que responder ante o Tribunal Divino e Infalivel, El-Rei o Sr. D. João VI, que descuidou inteiramente a educação de seus Filhos (e tambem de suas tres ultimas Filhas).

Uma das principaes provas de como quando, deixado a si mesmo e não intervindo certos baixos e perniciosos conselheiros—que eu podia nomear—elle, adoptava, da melhor vontade as boas suggestões e conselhos, está na promptidão com que, em 1828, consentiu immediatamente em chamar para Portugal os Jesuitas—e isto principalmente para entre-

gar-lhes a cathechisação e civilização das immensas e valiosissimas Possessões Portuguezas na Africa Oriental e Occidental.

Foi a proposta d'isso feita e suggerida primeiro, pelo dono da mão que está escrevendo isto mesmo; e por sua intervenção e agencia principalmente, se manejou a chamada vinda para Portugal, em meado de 1829, da colonia dos Jesuitas que veio de França; e que, nos 4 annos sómente, que no Reino residiram, tinham já feito muitissimo bem, quando a revolução triumphante os expulsou brutalmente. E se a Providencia Divina não tivesse disposto, que por acaso se achasse em Lisboa, de passagem, vindo d'Hespanha, um Cavalheiro Irlandez, meu amigo (o mesmo por quem eu tinha primeiro sido, em Paris, apresentado ao Provincial dos Jesuitas), os que se achavam em Lisboa tinham sido todos assassinados. Farei por enviar ao *Apostolo*, com vagar, a historia exacta destes interessantes particulares, hoje quasi de todo esquecida; e que ficou como ignorada, até que em França se publicaram as correspondencias do Padre *José Delvaux*, o Superior da Colonia que esteve em Portugal.

Tanto mais convirá fazer conhecer estes factos, quanto é rarissimo o volume da tal Correspondencia, de que só se imprimiram cento e quarenta exemplares, ha 13 annos.

Por agora, e a proposito de Africa, direi, que a chamada para Portugal dos Jesuitas pelo Senhor D. Miguel, tinha por objecto principal a cathechisação e civilização da mesma Africa—isto é, a sua christianisação.

Para isso se tinham já disposto varias cousas, e se iam dispondo outras; e se não se tinha adiantado mais, foi em razão da perfida e infame invasão maçonica do Mindello; fomentada e ajudada principalmente pelo Protestantismo Inglez e pela Maçonaria.

Imagine-se o que, em quarenta annos de acção e diligencias, com a protecção e auxilio do Governo, os missionarios Jesuitas houveram feito e adiantado em Africa, sem a lucta, a desordem, a demoralisação, as calamidades, que o Protestantismo Inglez, de mãos dadas com a Maçonaria, nos introduziu pelo Mindello!

Durante os 40 annos que a Inglaterra esteve cá dentro occupadissima com as questões da Reforma Parlamentar; das Municipalidades; dos Cereies; do Commercio livre; das Constituições Coloniaes; da occupação da Australia, e da Nova Zelandia, etc., houvera Portugal formado em Africa um Imperio, moral, politico, e commercial, que só o de Inglaterra lhe seria hoje superior na Europa.

Em vez de *Livingstone, Baker, Cameron, Stanley*, etc., seria Portugal que teria feito as descobertas que elles fizeram, e muito mais; mas sobre tudo, houveram formado muitos milhões de christãos, abolido ou diminuido a escravatura; provavelmente evitado ou impedido esses terriveis massacres de seres humanos, que a ambição Ingleza sacrificava em miriadas á sua insaciavel avidez de riqueza e dominio.

Sobretudo porém houvera-se prevenido e impedido, na maxima parte, pelo menos, essa inundação de Protestantismo, que actualmente d'aqui se vasa sobre a pobre Africa, com a mais devorante sofreguidão.

III.—O facto que maior sensação produz aqui, e geralmente na Europa, n'este momento, é a tentativa, e quasi milagrosa escapa do Imperador da Russia, de ser assassinado.

O telegrapho hade ter logo feito saber o facto ao Brazil, e por toda a parte...

E' mais uma prova de como a irreligião e a Maçonaria tem corrompido o mundo, e perturbado a segurança, boa ordem, e paz das nações.

Vejo nos papéis uma ordem do General *Gourco*, nomeado Governador militar de Petersburgo, que é a mais vigorosa e severa que se pode imaginar. Não tenho tempo de copiar-a; parece-me excessiva, e que fará mais mal do que bem. Em todo caso, a Russia parece achar-se em terrivel crise. Uma carta immensa no *Times* de hontem, copiada da *Gazeta da Colonia*, a quem fôra escrita dá a mais extraordinaria, e quasi incrível, descripção dos procedimentos do partido Socialista—ou *Nihilista*, como lá o denominam.

Parece, na verdade, cousa de feitiçaria, o modo porque uma folha Socialista

clandestina apparece, ameaçando, declarando as pessoas que ham de ser assassinadas—e algumas o foram já,—e que não tenha sido possivel, apesar das diligencias as mais activas e rigorosas, descobrir quem a escreve, onde se imprime, quem a espalha e faz apparecer em toda a parte, mesmo nas Secretarias do Ministerio!

Parece incrível, na verdade, a maior parte do que na dita carta de relata; mas o facto só de escrever o *Times*, hontem mesmo, o seu primeiro directivo sobre a carta, e adoptado como reaes aquellas tão extraordinarias relações, mostra que a cousa não é phantastica. Não ha duvida, que por toda a parte a Europa se acha n'uma extraordinaria crise o perigo; e as tendencias e analogias da desordem por toda a parte; a linguagem da imprensa «liberal» (no sentido verdadeiro de *libertina*), indica vir tudo de uma causa, de uma fonte, de um plano: mostra que a maçonaria está no fundo de tudo isto, sem questão.

IV.—Na Belgica, felizmente, parece que o movimento Catholico mostra cada vez mais vigor; a descoberta Providencial das opiniões anti-catholicas do Ministro da Instrução Publica (*) (posto de proposito á testa da repartição, para corrompê-la), parece um golpe de que a Maçonaria Belga hade soffrer consequencias demasiado por ella merecidas—Deos louvado!

A. R. SARAIVA.

(*) Na minha carta penultima ao *Apostolo*, tinha eu dado conta, de como se descobrira um discurso maçonico do tal Ministro, onde diz que o Catholicismo é já cadaver, e que é preciso enterrá-lo! (Isto em summa).

Lisboa, 17 de maio de 1879.

(Do nosso correspondente)

Já vistes decerto, o modo como o jornal a «*Nação*» fustigou o Fontes, logo após o novo insulto, que dirigiu, cobardemente na camara dos deputados, ao nobre partido legitimista, denominando *usurpador* o finado Rei, o sr. D. Miguel I, de saudosa memoria. Applaudistes, sem duvida, o alludido jornal, cujos brios, e inconcusso amor da verdade lhe não permittiam guardar silencio diante de tamanha, e tão insolita incivildade.

O tal Bismark das duzias, todavia, não merece senão os desprezos de toda gente honesta.

Diz-nos a Havas que o governo de Castella não respondera ainda á nota da Russia, e Allemanha propondo um accordo contra o socialismo. Parece, em vista da noticia, se é certa, que os soberanos, que tem força necessaria para restituir á Europa a ordem sobre um baze solida, e perduravel, ainda não comprehenderam que todo o mal nasce do liberalismo, monarchico, ou republicano. Não é só contra o socialismo, é contra os governos bastardos, que se enfeitam com a libré do liberdade, que os soberanos legitimos e ainda poderosos, devem envidar as forças, de que dispõem, porque, da intrusão revolucionaria veem quasi todos os males, que a Europa está soffrendo.

O socialismo é filho do liberalismo, está porém, ainda nas mantilhas; mas crescerá, e asoberbará, mais, ou menos brevemente, as nações, sem um esforço salutar, e previo dos governos legitimos, e dos partidos oppostos á bandeira pseudo-liberal.

E' uma triste verdade; é, porém, uma verdade, meus caros amigos: enquanto as potencias regidas pelos soberanos legitimos, se lembrarem de pactuar com os illegitimos, com os reis da escolha do liberalismo, em cujo caso está o filho de D. Izabel, a revolução continuará a avançar desassombradamente, acabando por desmanchar os thronos d'esses mesmos, que se tem deixado illudir pelo canto seductor da serea revolucionaria.

A historia é mestra, e ella exhibe-lhes exemplos que não deveriam desdenhar.

Parece que está resolvido o regresso das camaras francezas a Paris. Os republicanos, mórmente a demagogia, applaudem-no. Lá sabem o motivo. O tempo revelará o segredo.

O governo de Martinez Campos segundo noticias de Madrid, está luctando com gravissimas difficuldades, creadas pelo ex-ministros Canovas, a despeito da ostensiva e reciproca amizade dos dous referidos estadistas. Comtudo acreditava-se que

o actual presidente do conselho poderá conjurar a tempestade, que muitos vêem imminente. Mas em vista do modo como Martinez de Campos tem ido collocando nos mais elevados logares uma grande parte dos militares da sua inteira confiança, lisongeando, ao mesmo tempo, o partido monarchico liberal mais ordeiro, porque nos viria colher de supito a noticia de um novo golpe d'estado do restaurador do throno da dynastia intrusa do reino visinho?

Falleceu o boticario Barrol. Legou boa fortuna. Descance em paz.

Hoje houve corridas no hypodromo de Belem. A concorrência não foi tal que mostrasse que o povo lisbonense morra de amores pelo referido genero de passatempo. E' possivel que amanhã haja maior numero de espectadores, embora haja touradas, que, no fim de tudo, é o divertimento mais querido do nosso povo.

O ministro da marinha tem estado outra vez enfermo. A molestia veio em muito má occasião, pois vae descutir-se o orçamento da marinha, o qual a opposição resolvera, dizem-me, combater denodadamente, e a ponto de deixar muito mal feridos os defensores delle. Não creio que o medo se envolvesse no manto de uma doença ficticia. Thomaz Ribeiro não receia, de certo, ir a liça, e medir a arma, mui bem temperada, da sua eloquencia, embora a favor de uma causa sem defesa possivel, como a do poder actual.

Prepara-se todo que é possivel fazer para que o *Te-Deum*, a expensas dos criados do sr. D. Luiz, seja o mais sumptuoso de todos que tem havido ultimamente. Até aqui, nada tenho que dizer porque é uma demonstração de regosijo pelo restabelecimento da Ama, dada pelos que a servem, e ao Marido. Mas não acho louvavel que os amigos dos arraiaes andem de porta em porta, como me asseveram, pedindo, aos habitantes de Belem, que contribuam para os foguetes, embandeiramento das ruas, etc., etc. e ponham luminarias. Conheceis, certamente, que tudo isto leva agua no bico; mas, não logram illudir ninguém. Em geral, o povo acata os Principes que habitam o palacio da Ajuda, mas são, relativamente raros, os que se absterão de pôr, espontaneamente, luminarias quando a obra de 34 tombar, e se fizer em pedaços.

O *Petrus in cunctis* do «*Diario de Noticias*» participa-nos que recebera as honras de capella real a igreja de Santa Justa (S. Domingos), e a irmandade do SS. da referida freguezia.

Que vos parece, meus charos redactores? Uma irmandade religiosa com as honras de capella... E que tal? Decididamente a epocha é de todo genero de descobrimentos....

«Rei morto, rei posto». O lugar de contador da junta do credito publico, que deixa Pedro de Carvalho, será occupado por Costa Gomes. E' uma boa posta.

Desembarcaram hontem os cadaveres dos tres governadores da India, Sergio, Tavares d'Almeida, e Manuel José Mendes.

Effectivamente, foram chrismados por Leão XIII os Filhos de Carlos VII, no dia 14. Foram padrinhos o Henrique V, e a Imperatriz viuva d'Austria. Não é nada indifferente o alludido facto, ainda na opinião da agencia Havas, que nos tinha dicto que o Papa não estava resolvido a confirmar os mencionados Principes. Era o *quod volumus* a fazer das suas. Estalou-lhes a castanha na boca. Mas o que é sobre modo importante tambem, é a solemne manifestação da intima amizade que ha entre os diferentes soberanos legitimos, que vivem no exilio, a alta consideração que por elles tem o Pontifice-Rei.

O futuro, crêde, é do direito, como o presente, e o preterito tem sido de atroz provação.

Constancia, pois, e Prudencia!

Todo Vosso

A.

GAZETILHA

Mez de Maria.—Este exercicio que se faz na igreja do Populo, onde está a Imagem da Virgem, destinada á capella do Sameiro, tem todos os dias grande concorrência de fieis.

Não sabemos que attractivo tem alli a oração e os canticos religiosos, que necessariamente se sahe da igreja agradavelmente impressionado.

O director d'estes exercicios tem instruido os fieis sobre os diversos modos de honrar a SS. Virgem, e tem aconselhado varias devoções ou associações approvadas pela Igreja e enriquecidas de graças. O escapulario azul celeste da Immaculada Conceição, e o Cingulo da Virgem da Consolação ou Correia de Santo Agostinho, foram recommendadas á piedade dos fieis, bem como a Obra da Propagação da Fé que é uma das instituições mais louvadas e mais apreciadas pela Igreja, pelos fructos copiosissimos que produz.

Estas recommendações produzem o desejado effeito, que é estimular a piedade.

Nossa Senhora dos Desamparados.—Foi verdadeiramente imponentissima a festividade que á Virgem N. Senhora dos Desamparados teve ante-hontem no templo da V. O. Terceira de S. Francisco.

Tudo deslumbrante, tudo magnifico. Especialisaremos, porém, o sermão, que foi pregado pelo revd.^o padre Patricio, do Porto. Na verdade poucas vezes temos tido o prazer de escutar discursos tão brilhantes na forma e na essencia.

Ainda não tinhamos ouvido o revd.^o Patricio; mas não hesitamos em infleir-o agora entre os nossos mais distinctos ornamentos da tribuna sagrada. E nesta affirmação acompanham-nos todos quantos na tarde d'ante-hontem se acharam no templo dos Terceiros.

Não sabemos como alliar o actual procedimento do sr. padre Patricio, com o seu anterior procedimento, que consta das columnas da «Palavra» e do «Commercio do Minho», sem uma retracção publica indispensavel. Não sabemos.

Collegio da Regeneração.—Consta que vae ser concedida pelo governo uma parte do Convento da Conceição, afim de se estabelecer alli o Collegio da Regeneração.

Chegada.—Chegou ante-hontem a esta cidade o nosso illustrado e honrado patricio, o sr. Antonio José da Silva Braga, que durante largos annos residiu na ilha do Principe, onde exerceu varios cargos importantes, sendo ainda actualmente alli o presidente da camara.

Os nossos cordeaes emboras.

Theatro.—Já houve duas representações da comedia de costumes *Um milagre do Bom Jesus do Monte*, original do sr. Alfredo Campos.

Por motivos alheios á nossa vontade a nenhuma d'ellas podíamos assistir. Informam-nos, porém, que a comedia é formosissima, as vistas excellentes e o desempenho regular.

Diremos a nossa opinião mais desafogadamente, quando assistamos a alguma representação. Apressamos-nos todavia a felicitar o nosso Alfredo Campos pelo bom exito que coroou o seu trabalho.

Beixas.—O sr. Antonio Pinto Teixeira ha pouco fallecido n'esta cidade, deixou, entre outras verbas, 800\$000 reis para a propagação da Fé; 100\$000 reis á imagem de Nossa Senhora da Luz, e igual quantia ao convento de Santa Thezeza.

Atravez d'Africa.—Recebemos o fasciculo 11.^o da obra de V. L. Cameron *Atravez d'Africa*, traduzida excellentemente pelo sr. Francisco de Lencastre, e editorada a primor pela Livraria dos snrs. Mattos Moreira & C.^a

A Moda Illustrada.—Recebemos e agradecemos o n.^o 10 da *Moda Illustrada*, de que é director-proprietario o arrojado editor David Corazzi.

Amores.—Foi nomeado director do correio de Amores o sr. Joaquim Pereira da Silva.

Caso singular.—Um nosso estimado assignante de Silves escreve-nos contando o seguinte caso:

Estando-se a fazer os exercicios do Mez de Maria, em Ferraguado, appareceu uma cobra enroscada ao pescoço da Imagem da Padroeira da igreja, N. Senhora da Conceição, tendo a cabeça mettida na coroa da mesma Imagem. Todos os assistentes ficaram assustados; quando d'entre elles uma mulher se adiantou, subiu ao altar-mór e pôde desenrolar o repelente reptil, que depois mataram na rua.

Museu Illustrado.—Recebemos do sr. Joaquim Januario da Silva, correspondente n'esta cidade do *Museu Illustrado*, o segundo fasciculo d'este periodico litterario, que se publica no Porto sob a direcção do sr. David de Castro.

Agradecemos.

Atravez da provincia.—Foi montada na bateria do Bom Sucesso em Va-

lença a primeira peça Krupp, de 28 toneladas.

—Falleceu em Vianna o sr. João Albino Brandão, aspirante de 1.^a classe da repartição de fazenda d'aquelle districto.

—Ha dias que tem estado fóra da barra de Caminha um vapor inglez a reparar o cabo submarino, que por vezes tem ultimamente estado interrompido.

—Dizem de Ponte do Lima:—O tempo corre muito regular para a agricultura. Estão bons os trigos e centeios, excellentes os vinhedos, e muito regulares os milhos, especialmente os que se semearam depois das chuvas. Ha bastante fructa, e muita abundancia de hortaliças, e pastos; tudo emfim, nos mostra um anno de abundancia, se não houver algum contratempo, que venha prejudical-a.—Tambem estão regulares os batataes, e os linhos.—Os lavradores não tem razão de queixar-se.—Informam-nos tambem que por enquanto não ha signal de *oidium*.—Ao menos, permitta Deus, que a abundancia d'este anno venha reparar as faltas do passado.

Espantoso tremor de terra.—Uma correspondencia de Tauris descreve minuciosamente um espantoso tremor de terra que teve lugar na Persia. No dia 22 de março, pouco depois do meio dia, sentiram-se os primeiros abalos em Tauris, em Zendjand e em Mianeh. Foi nos arredores d'esta ultima cidade que o phenomeno foi mais violento. Durou com mais ou menos intensidade até 2 d'abril.

Verificaram-se já officialmente as perdas e o numero de mortos: vinte e uma aldeias foram completamente destruidas; cinquenta e quatro soffreram grandes prejuizos, novecentas e vinte e duas pessoas morreram, assim como 2:660 carneiros, 1:125 bois, 124 cavallos e 53 camellos. O centro do tremor de terra foi a montanha de Bousgouche.

ULTIMAS NOTICIAS

Lisboa 16—Aberto concurso para as egrejas de Fontão, Goães e S. Paio de Guimarães, diocese de Braga.

Paris 16—O conselho de estado, julgando a appellação do governo contra a pastoral do bispo d'Aix, declarou que houve abuso do prelado.

Londres 16—Estão interrompidas as communicações telegraphicas do Perú com a Europa. O general chileno cortou o cabo sub-marino.

Terminou a insurreição no Paraná; houve 350 mortos.

O «Times» diz que a evacuação dos russos terminará no dia 23 de julho.

Londres 15—Northcott disse na camara dos deputados que o governo tem lembrado muitas vezes á Porta a execução do artigo 23.^o do tractado de Berlim, concernente ás reformas na Turquia europea.

Roma 15—Camara dos deputados: Está em discussão o projecto que torna obrigatoria a celebração do casamento civil antes do religioso.

S. Petersburgo 15—Um *ukase* imperial torna extensivos os poderes aos governadores provisórios.

CORREIO

Castro d'Aire.—Revd.^o sr. padre José Esteves Salgueiro. Recebemos e agradecemos.

Santa Martha de Penaguão.—Sr. João de Magalhães Menezes. Agradecemos as lisongeiros expressões que nos dirige, e ficamos sciente do que nos communica.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Sr. redactor.

Rogo-lhe o favor de fazer publicar o seguinte:

O sr. Florencio, contra-protestando no n.^o 909 do seu acreditado jornal o protesto que eu fiz no n.^o 899 do mesmo periodico, emprasou-me para que me retractasse, sob pena de ser chamado aos tribunaes. E', pois, do meu dever, responder;—não accitando, em primeiro lugar, as amabilidades que me são dirigidas pelo dito sr., as quaes lhe transmitto intactas, para que as aproveite, e com ellas se honre.

O meu conto é simples. Claro e ex-

pressivo será, para que o publico avalie na singela narração do contracto que fiz, e que não foi como devêra ser, o esclarecimento da verdade.

Eis como as cousas se passaram. Propoz ao sr. Florencio, e sua mulher, um contracto com condições.

«Pagarem á sua custa, tres dividas passivas, minhas, excedentes no valor a 500\$000 rs.—grangearem á sua custa, as minhas vinhas, e pagarem todos os encargos que pezaem sobre os meus bens, e que os foros e cereaes, ficariam em minha administração, sem prejuizo das terras. Adiantarem o dinheiro necessario para eu cobrar, pelos meios judiciais, as dividas activas, que me devem. Entre ellas uma no valor de 667\$890 reis; cuja acção está já pendente—outra pelos rendimentos de uma azenha, cujo orçamento excede a 200\$000 rs.—outra pelos deterioramentos feitos em umas casas nobres, cujos damnos excedem a reis 500\$000, devendo eu pagar-lhes as importancias adiantadas para este fim, sem juro algum.

«Depois do meu decesso, darem á egreja da freguezia, onde se verificasse o meu fallecimento, o que fosse de direito, uso e costume; entregue ao parcho o determinado por ella, para os meus suffragios e bem da alma; e que dariam a meu irmão, Luiz Borges, a pensão vitalicia annual de 50\$000 rs.

«E mais com a condição, que eu reservasse para mim, enquanto vivo fosse, o usufructo de todos os meus bens, e que só por minha morte, os acceitantes do contracto, é que me substituiriam em todos elles, com todo o direito e acção, como se eu fóra.»

Foram estas as bases do meu contracto, que foram apresentadas em proposta ao sr. Florencio, por seu irmão, o sr. Antonio Caetano, que ao voltar á Folgosa, me assegurou, que seu irmão e cunhada acceitaram a proposta.

Em vista d'isto fui para Armamar a 10 de fevereiro de 1878, para casa do sr. Florencio, e alli repeti a proposta ao sr. Florencio, e não se deu objecção alguma.

Accordadas assim as coisas, fiz as procurações para proseguir nas acções propostas para a cobrança do que me deviam, dos 667\$890 reis, na fé do contracto, já pelo adiantamento da causa, já porque a falta do embolso d'esta divida foi a causa de eu ir ao Banco sacar 300\$000 rs.

Este mez, era tempo de sobra para conseguir aquella sentença; porém, sobrevindo-me uma inflamação d'olhos, dentes, e tosse, que attribui aos ares asperos de Armamar, desamparei todos estes negocios, ficando ao cuidado do sr. Florencio, em quem depositava toda a boa fé. Enganei-me.

Em março disse-me o sr. Florencio, que o contracto era preterivel celebrando como venda. Respondi que, ficando salvas as condições d'elle, o fizesse, (isto dependia da delacção) e que eu estava de boa fé: a estas vozes, o sr. Florencio, descompondo-se, em seguida respondeu, que tambem elle, dando mostras que tudo corria n'essa conformidade. Peorava de dia para dia a minha doença. No dia 30 de março, fui surpreendido na cama, dizendo-se-me, que o tabelião estava na sala a fazer a escriptura; levantei-me e fui para lá, para vêr o que tinham feito. Com este accidente, encontrei-me sem forças físicas e moraes, uma especie de authomato, impossibilitado para tudo. Assisti á leitura, e assignei, sem saber ou entender o que; tudo na boa fé, e nada mais.

Passou abril, e eu no mesmo martyrio. Desenganando-me que, se não me retirasse d'aquella casa e terra, ia de prompto para o cemiterio, sem nada dizer, só á saída, no dia 9 de maio d'aquelle anno, sahi para Folgosa, e de lá para Escarquelle, minha terra natal, para tomar os ares.

Alli, já um tanto restaurado, li com attenção a escriptura, com abysmo, por a achar inteiramente sofismada, não contendo o que eu tractei.

Fiz logo saber por escripto ao sr. Florencio, em 1 d'agosto, o meu desgosto, por se não escrever as condições do contracto, (que são as que ficam escriptas) que eu não vendera, e que em todo o caso, as condições eram a minha garantia, proposta e accordo; que cuidasse em compor isto, e que respondesse em 8 dias. Não respondeu.

Em consequência d'isto, e do que deixo relatado ingenuamente, é que nasceu o meu protesto, e que ainda hoje renovo energicamente para quaesquer effeitos;

não se dando em mim a possibilidade de outro alcance. Como o sr. Florencio é o recebedor da comarca, tem n'ella bastante predominio, e porisso é que a minha posição se aggravou: tendo publicado que os meus bens já eram seus, quem tinha contas comigo, já não me responde, por o temerem. Pretendendo eu vender o meu vinho, fez saber o comprador que elle tinha a receber metade. Dizendo-me isto o comprador, disse-lhe que não. Não voltou; lá está por vender. Sem embargo, diz no seu contra-protesto, que eu estou senhor de quanto recebia, sem que elle se importe... Avisou-me para em 15 dias pagar os tributos; mandei pagar; era do contracto elle pagal-os, mas intendi que á sombra da fazenda me queria enroilhar.

Demais, tendo negado o contracto e condições d'elle, vem a confessal-o no penultimo periodo do contra-protesto (sem dar por isso), dizendo que o contracto que fez comigo... e mais adiante dá mais luz, fallando no banco e pagamento de dividas; logo, existiu e existem condições, que tudo supprimiu no titulo da fraude, por este não dar luz alguma.

O lançar mão d'este ou d'aquelle erro ou descuido da typographia, que são accidentes que não mudam a essencia da cousa, de nada valem para se conseguir o fim de protestar. O seu contra-protesto foi mais uma fraude para enganar o publico, por ter mais de contraproducente, do que justificação. E. bem assim o chamamento aos tribunaes, que não teme, nem respeita, quem trama e faz d'olhos. Na presença de uma malina, não se dá a liberdade, nem intelligencia precisa para descobrir os ardis, e dolos, e má fé que rodeiam o enfermo, nem os actos humanos o responsabilisam, tal foi a minha assignatura n'aquella escriptura, de que não estou responsavel.

E' quem ha mez e meio antes, tinha desamparado os meus negocios por impossibilitado, até a cobrança da divida dos 667\$890, que eu tinha no maior interesse e cuidado. Tudo traição, e má fé no sr. Florencio, o não se cobrar. Pois bem; tive a culpa; esperará pelo dinheiro que desembolsou, visto que faltou a fé, e que o que me privou de o disfructar, nunca lhe podia pertencer, e o responsabilizo por tudo.

Folgosa 21 de março de 1879.

O presbytero José Pinto Borges.

(Segue-se o reconhecimento). (2408)

THEATRO

DE

S. GERALDO

Companhia dramatica portugueza

Quinta-feira 22 de maio.

ULTIMA RECITA—DESPEDIDA DA COMPANHIA

A representação da espectacular comedia em 2 actos, e 4 quadros

UM MILAGRE

DO

BOM JESUS DO MONTE

Principia ás 8 3/4 horas.

AGRADECIMENTO

A Companhia Dramatica Portuguesa, sob a protecção de S. M. el-rei o sr. D. Fernando, retirando-se d'este cidade, agradece a todo o publico bracarense e em geral a protecção que sempre lhe dispensou.

Faltaria tambem ao mais sagrado dos deveres senão patenteasse o seu profundo reconhecimento para com o exm.^o sr. Alfredo Campos, que generosa e desinteressadamente se promptificou a escrever a comedia—*Um milagre do Bom Jesus do Monte*—; bem assim, ao illm.^o sr. Luiz Esmeriz, que igualmente compoz e ensaiou a musica, e tambem a todos os illm.^{os} snrs. que formam a orchestra, pela

cedencia dos seus honorarios a favor da companhia em a noite de 18 do corrente. Ao distincto artista o illm.^o snr. Carvalho, pela sua muito boa vontade, em pintar o scenario, e ao illm.^o snr. Francisco d'Araujo pela sua coadjuvação para o bom andamento da peça. Finalmente, a todos, em geral, a nossa mais sincera gratidão.

Manoel Maria Soares,

(2418) Director da Companhia.

AGRADECIMENTOS

O abaixo assignado, summamente grato a todas as pessoas, que o visitaram por occasião do fallecimento de sua estreme-cida mãe, a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Benedicta de Mesquita Montenegro, a todas protesta, em seu proprio nome e no de sua familia, o seu mais profundo reconhecimento.

Braga, 16 de maio de 1879.

Dr. Bento Joaquim de Mesquita Pimentel de Carvalho.

ANNUNCIOS

A Meza da Real Irmandade do Bom Jesus dos Passos, Santa Cruz e Sant'Anna, annuncia que no dia 24 do corrente, pelas 5 horas da tarde, sairá a Irmandade em procissão á visita do Jubileu e que nos dias 23 e 24 terá na egreja confes-sores para prepararem os confrades que quizerem lucrar as graças do mesmo Ju-bileu.

Em sessão de 16 do corrente mez.

O secretario

(2416) Padre João Antonio Velloso.

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Braga, e cartorio do escrivão Freitas, a requerimento de Maria d'Apresenção, sol-teira, de maior idade, d'esta mesma, correm editos de 30 dias citando e chama-do todas as pessoas incertas, que se con-siderem com algum direito e acção, ao espolio ou herança do finado Francisco José de Sousa, morador que foi n'esta ci-dade, para na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao praso dos editos que commecará a correr depois do 2.^o annun-cio na folha official, verem accusar as citações, e na dita segunda audiencia terão de ser assignadas 3, para a impu-gnação de qualquer pessoa. Declarando que as referidas audiencias se fazem ás segundas e quintas-feiras, excepto nos dias sanctificados ou friados em que se tran-sferem para as seguintes quando o não sejam tambem.

Braga 13 de maio de 1879.

O escrivão

José Firmino da Costa Freitas.

Verifiquei

(2415) Adriano Carneiro de Sampaio.

AO PUBLICO

Todos os alquiladores d'esta cidade, constituiram-se em sociedade para na quinta-feira d'Ascensão 22 do corrente, principiarem uma corrida de Braga ao terreiro do Bom Jesus do Monte, con-tinuando esta todos os domingos e dias sanctificados. A toda a hora estarão carros no largo da Lapa, para este serviço. A mesma sociedade terá carros na es-tação do caminho de ferro para conduzir directamente os passageiros d'esta estação, ao Bom Jesus.

Preços da estação ao Bom Jesus 200 reis.

Preços do largo da Lapa 160 reis.

Preços do Bom Jesus a Braga 120 reis.

Preços do Bom Jesus á estação 160 reis.

Braga 15 de maio de 1879.

Pela sociedade

(2404) Manoel Gonçalves Vieira Prim.

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Braga e cartorio do escrivão Gonçalves, correm editos de trinta dias a contar da publicação do segundo annuncio, citando os credores e legatarios incertos e resi-dentes fóra d'esta comarca, para assisti-rem, querendo, aos termos do inventario orphanologico a que se anda procedendo por fallecimento de Maria Joaquina, viu-va que ficou de Francisco José Pereira Carromano, moradora que foi na rua das Palhotas da dita cidade de Braga.

Braga 12 de maio de 1879.

O escrivão

Antonio José Gonçalves.

Verifiquei a exactidão.

(2414) Adriano Carneiro de Sampaio.

São de novo convidados os snrs. cre-dores da massa fallida de João d'Assum-pção, negociante que foi d'esta cidade, a reunirem no Tribunal do Commercio, no largo de Santo Agostinho, d'esta mes-ma, pelas 10 horas da manhã, do dia 24 do corrente, para se concluir a veri-ficação de creditos e em seguida se pro-ceder á concordata.

Previnem-se os snrs. credores que, para todos os effeitos, se devem apresen-tar ou fazer representar por seu procura-dor bastante, para que não possam alegar ignorancia.

Braga 14 de maio de 1879.

Os curadores fiscaes,

(2411) Pinheiros & Irmão.

RAPÉ BARATO

Meio grosso cada 250 grs.	250 rs.
Vinagrinho " " "	"
Rosa " " "	"
Secco " " "	"
Pacotes de 25 "	25 rs.

Tabacaria Bracarense.

(2402)

MANOEL DA COSTA ALVES

ALFAIATE

RUA DE SANTO ANDRÉ N.^o 18.

Acaba de receber um bonito e varia-dissimo sortido de cachemiras para a es-tação, que vende por preços limitados, taes como: factos completos a vestir por 8\$500, 10\$000, 12\$000 e 13\$000 reis, e mais preços.

Paletots de melton a vestir de 6\$500 e mais preços.

Guarda-pós de esguião de linho a reis 2\$000.

Calças de cachemira a vestir de 3\$000 reis e mais preços. (2393)

BILHETES DE VISITA

COM NITIDEZE E PERFEIÇÃO

100 por minuto a 500 rs.

Enviam-se pelo correio, francos de por-te sem augmento de preço.

APPARICIO & MALHEIRO

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27.

Bilhetes de visita em branco:

Cento, 200, 220 e 240 reis.

Tarjados de preto:

Cento, 400, 420 e 440 rs.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

LIVROS DE MISSA

Com capas de marfim, Ebano, madre-perola, massa e veludo.

27, Praça do Barão de S. Marti-nho, 27

APPARICIO & MALHEIRO

BRAGA

ATTENÇÃO

Precisa-se d'um individuo que queira encarregar-se de fazer varias cobranças dentro e fóra da cidade; no largo de S. Francisco n.^o 6 dão-se os esclarecimen-tos necessarios. (2413)

ESTABELECIMENTO DE LOTERIAS

DE

João Marques d'Almeida Castro

327, rua de Santa Catharina, 331

PORTO

Este estabelecimento, que por grande numero de pessoas tem sido preferido a outros, não só por os premios que no mesmo constantemente estão saindo, mas por a promptidão com que executa as encomendas que lhe são dirigidas, con-tinua a ter á venda para todas as lo-terias, bilhetes inteir-s, meios ditos, quin-tos, quartos, decimos, oitavos e fracções de 600, 500, 300, 250, 200, 130, 100 e 40, reis.

Satisfaz para as provincias todas as encomendas (de bilhetes ou fracções em pequena ou grande quantidade) vindo as mesmas acompanhadas da sua importan-cia, em ordens, vales do correio ou es-tampilhas do mesmo.—Envia gratuitamen-te, os prospectos, a todas as pessoas que desejarem ser informadas dos premios de que se compõem as loterias e dos dias em que as mesmas se teem de extrahir; assim como remette no fim das extrac-ções, as respectivas listas geraes dos pre-mios.

AOS PRETENDENTES

Apesar do grande numero de corres-pondentes que este estabelecimento tem nas provincias para a venda de bilhetes e fracções de todas as loterias, o mesmo recebe ainda propostas das pessoas que pretenderem vender este genero á com-missão. Os pretendentes que quizerem en-carregar-se da venda d'esta fazenda, po-dem com ella negociar sem risco, porque se acceita de novo até ás vesperras das extracções, toda a fazenda que os mesmos não tiverem vendido. Além d'isso teem a vantagem de poderem negociar sem em-pregar capital porque a importancia de qualquer remessa que lhes seja feita, po-de ser enviada depois da fazenda vendi-da, bastando para isso que o pretendente dê como conhecimento um negociante da cidade do Porto.

A comissão é vantajosa e os mais esclarecimentos dão-se a quem os pedir. (2330)

CASA



Arrenda-se uma na rua de S. Geraldo n.^o 18. Trata-se no cam-po de Sant'Anna, n.^o 68.

(2298)

CHARUTOS ESTRANGEIROS

Grande sortimento das melhos mar-cas, conservando os preços antigos. Por caixa tem grande abatimento. Chegaram á

TABACARIA BRACARENSE.

(2403)

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noute na mesma caixa.

Vende-se roupas.

Pede-se a todos os mutuarios que ti-verem objectos empenhados na mesma caixa com atrazo de juros de tres mezes os venham pagar ou resgatar, senão se-rão vendidos.

AOS PROPRIETARIOS DOS HOTEIS E HOSPEDARIAS

Na Typographia Lusitana, rua Nova n.^o 4, vende-se participações das que as hospedarias tem obrigação de entregar to-dos os dias na repartição policial, e se-gundo o modelo do regulamento das hos-pedarias.

Cada 100 exemplares 600 rs.

Avulso 10 rs.

A APPARIÇÃO

DE

N. SENHORA DA SALETTE

(Traducção)

Vende-se no escriptorio d'este jornal.

Preço. . . . 30 reis.

DINHEIRO A JURO

A contraria de N. Senhora da Apre-sentação, de S. João do Souto, tem reis 400\$000 para mutuar. (2305)

Fabrica de papel de Ruões

Papel de impressão e de embrulhos de diferentes marcas e preços.

DEPOSITO EM BRAGA

Tabacaria Bracarense

—27, Rua do Souto 27—
(2340)

SINGER

LEGITIMAS

MACHINAS PARA COSER

DA

Companhia fabril SINGER

17—rua de S. Vicente—17

BRAGA



SINGER

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tive-ram rival.

Vendeu no anno de 1877, 252:612 machinas de costura!!! mais 20:496 que em 1876.

A Companhia Fabril



SINGER

Vende as suas magnificas e sempre acreditadas machinas, ao alcance de todas as fortunas, a prestações de 500 reis semanacs sem prestação de entrada ou 10 por cento a menos a prompto paga-mento.

MACHINAS LEGITIMAS



SINGER

Para familias, alfaiates, costureiras, chapelleiros e sapateiros

A COMPANHIA FABRIL



SINGER

Garante todas as suas machinas não só no seu bello trabalho, como na sua immensa duração, com séria garantia.

Avisamos o publico que te-nha todo o cuidado para não ser enganado com as machinas imitações, como algumas pes-soas, por infelicidade d'ellas, o tem sido.

As machinas legitimas SINGER só se encontram á venda na Sub-succursal da

COMPANHIA FABRIL SINGER

17, RUA DE S. VICENTE, 17

BRAGA

e nas casas estabelecidas em todas a ca-pitales dos districtos de Portugal e His-panha.

Ensino esmerado e gratis em casa do comprador

Peçam cathalogos illustrados com lista de preços, que se enviarão GRATIS.

SINGER

(2297)

RESPONSAVEL—Luiz Baptista da Silva.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879